

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho insere-se no contexto de transformações históricas, culturais e científicas ocorridas na primeira metade do século XX, marcado por ambigüidades decorrentes das cisões advindas do século anterior causadas por diversos fatores como: a urbanização, o desenvolvimento tecnológico e os conflitos em escala mundial. Tais elementos provocaram a desestabilização social cujo reflexo na ciência e na cultura ocasionou um movimento de investigação do passado, da origem e do primitivo como tentativa de solucionar as contingências postas pelo período estudado (SEVCENKO, 1992; BALLART, 1997).

No caso brasileiro, os reflexos destas transformações promoveram rupturas sociais e políticas como o fim da escravidão e a implantação do Regime Republicano e resultaram na necessidade de repensar a conformação da nação a partir de novos paradigmas, pautados pela idéia de modernidade e justaposição entre o prognóstico de um universalismo futuro e promissor em face do nacionalismo latente e conservador (ANDERSON, 1993; SALIBA, 2002; HARDMAN, s.d.).

Para a nova empreitada acorreram intelectuais, artistas e cientistas que se responsabilizaram pelo encargo tentando solucioná-lo por meio da militância política e cultural. Paulo Duarte fazia parte de um dos grupos que atendeu ao apelo em São Paulo (MICELLI, 1979; SEVCENKO, 1992; BARBATO JR., 2004).

No cerne dos acontecimentos, Duarte atravessou um período de transformações que abarcou desde as novas perspectivas conceituais científicas da Antropologia até as visões díspares sobre nacionalismo e universalismo. Essas questões influenciaram diretamente a concepção do intelectual sobre patrimônio, seu significado e utilização social, cuja tônica converteu os rumos das pesquisas arqueológicas e das instituições museológicas paulistas, muitas vezes com influências nacionais.

As implicações destas mudanças foram detectadas no plano de difusão do conhecimento científico arqueológico, na idéia de formação profissional do arqueólogo, nos meandros políticos influenciados pelo desenvolvimento científico do país, nas instituições preservacionistas, bem como nas estratégias relacionadas à legislação com o fito de salvaguardar o patrimônio arqueológico (BRUNO, 1999).

Portanto, este trabalho propôs questões e análises concernentes ao desenvolvimento da Arqueologia em São Paulo, nos anos 50 e 60 do século passado, identificando a missão social e científica vinculada aos procedimentos museológicos com vistas à transformação da realidade do período estudado. Este foco de estudo, cujas barreiras cronológicas retrocederam aos anos 30, permitiu compreender o legado histórico que a ciência arqueológica recebeu deste período, bem como as implicações científicas para as questões atuais da Arqueologia Pública e da Musealização da Arqueologia. A biografia de Paulo Duarte, bem como as mentalidades do intelectual e do seu grupo político e social, do Brasil e da França, pautaram a trajetória desta pesquisa.

Essa análise foi realizada em face do encadeamento cronológico decorrente dos contextos históricos que configuraram o pensamento científico e cultural iniciado no final da década de 20 e que, em face de transformações contextuais, tomaram outras proporções cujos reflexos foram detectados nas mentalidades de Duarte e o seu grupo intelectual.

Assim, a abordagem sobre a formação de Paulo Duarte e a maneira como esteve inserido no grupo político e intelectual do jornal “O Estado de São Paulo”, bem como a aproximação com os intelectuais do movimento modernista de 1922 contextualizaram as utopias culturais do último grupo, que puderam efetivar-se por meio da participação no poder promovida pelo contato com os Mesquita, proprietários do citado órgão de imprensa (MICELI, 1979; DUARTE, 1976; HAYASHI, 2001).

Os cargos de Assessor Jurídico da Prefeitura de São Paulo e de Deputado da Assembléia Legislativa permitiram que Paulo Duarte propusesse e realizasse projetos culturais como a criação da Universidade de São Paulo, o Departamento de Cultura, o Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico de São Paulo e o Instituto de Cultura. Essas instituições, concretizadas ou não, visavam à transformação da realidade nacional por uma perspectiva científica e cultural (DUARTE, 1977; 1985; BARBATO JR., 2004).

Em parceria com Mário de Andrade, Duarte focou suas ações em prol da preservação patrimonial resultando em proposições de estruturação institucional preservacionista com finalidades de instrução, educação, popularização do conhecimento científico e a inserção social dos diversos segmentos patrimoniais e populacionais nas instituições museológicas (DUARTE, 1938; 1985).

A aproximação entre Mário de Andrade e Paulo Duarte permitiu a efetivação das idéias modernistas por meio da implantação de projetos que tinham por tônica a pesquisa, identificação do problema e intervenção para a resolução e partia das práticas culturais de formação e informação (BARBATO JR., 2004).

As ações orientadas pela perspectiva modernista visavam à conformação da nação estruturada por novos parâmetros e contextos que se apresentavam a partir de uma sociedade urbana, industrial, tecnológica, diversa e que até então, vislumbrava a Europa como ideal perseguido. Portanto, era necessário acomodar as conjecturas sobre a nação às características da modernidade com a realidade de um povo miscigenado, com amplas diferenças sócio-culturais e educacionais. A solução esteve ligada ao estabelecimento do caráter brasileiro, a particularidade local e a importância deste aspecto para a contribuição do universal (SALIBA, 2002). Dessa forma, a partir de uma sociedade de características plurais e regionalizadas devia-se construir o progresso nacional que contribuiria para a civilização mundial, ou como afirmou Manuel Bandeira sobre o pensamento de Mário de Andrade:

[...] não lhe satisfazia a solução regionalista, criando uma espécie de exotismo dentro do Brasil e excluindo ao mesmo tempo a parte progressista [...], mas sim [...] uma hábil mistura das duas realidades parecia-lhe a solução capaz de concretizar uma realidade brasileira “em marcha”. Abrasileirar o brasileiro no sentido total, patriarizar a pátria ainda no sentido tão despatriada, queria dizer, concorrer para a unificação psicológica do Brasil (BANDEIRA, 1952: 292).

Essa perspectiva definida por Mário Chagas (1999: 53) como um “nacionalismo universalista” iria direcionar as concepções patrimoniais justapondo elementos do patrimônio colonial europeu com as referências patrimoniais folclóricas, etnográficas, populares na tentativa de abranger a diversidade (CHAGAS, 1999).

Dessa forma, naquele momento, esses intelectuais estavam preocupados com discussões de tônicas nacionais visando à resolução de problemas peculiares à nação brasileira (MICELI, 1979; SALIBA, 2002).

Inicialmente, essa pesquisa procurou por meio da compreensão deste contexto identificar as ações e mentalidades deste período que tiveram correlações com o desenvolvimento dos estudos arqueológicos posteriormente e encontrou inúmeras semelhanças, até porque, o próprio Duarte revelou a origem da mentalidade que imprimiu

às ações de criação da Universidade e do Departamento de Cultura: “[...] aqui passei a tentar impôr a mentalidade que lá adquiri [no Musée de l’Homme]”, instituição com a qual Duarte manteve contato desde o primeiro exílio, contudo essa primeira tentativa de imposição de mentalidade ainda estava pautada pelas questões de nacionalidade¹.

As mudanças políticas e a implantação do Estado Novo abortaram os projetos deste período e foram responsáveis pela inauguração de uma nova perspectiva patrimonial e científica para Paulo Duarte, a partir do segundo exílio. A avaliação das transformações temporais dos parâmetros científicos da Musealização da Arqueologia e as contingências históricas vivenciadas pelo intelectual permitiram compreender como o estudo dos contextos históricos, das estruturas institucionais científicas e preservacionistas podem contribuir para a verificação das mudanças das mentalidades que impõe um novo direcionamento para ciência (DUARTE, 1938; LOPES, 1993; LE GOFF, 1995).

As atividades realizadas por Paulo Duarte no Museu do Homem, bem como o contato com intelectuais, que compartilhavam das idéias de que a missão intelectual e científica consistia na transformação da realidade social através da ação em fase da divulgação do conhecimento científico, foi um dos propulsores que direcionou definitivamente Duarte para os estudos arqueológicos. Somaram-se a estes fatores a história pessoal do jornalista que, em face do exílio foi afastado do seu grupo político-cultural brasileiro e aproximou-se de Paul Rivet e o grupo francês, além de vivenciar situações extremadas em nome dos nacionalismos e dos preconceitos exacerbados, identificando-se com estas causas a partir do momento que também fora banido do seu país e considerava-se um cidadão sem pátria (DUARTE, 1960; 1985).

O contato com os regimes totalitários, as atrocidades nazistas, a impossibilidade de fixação territorial determinada pela Guerra e pela intolerância, a decepção política e o descrédito na possibilidade de transformações sociais pelo poder político induziram Duarte à mudança de concepção em relação à importância denotada ao nacionalismo e à nação. Tais fatos levaram o jornalista à confirmação da sua crença na missão científica promovida pelos estudiosos, com a finalidade de transformação da situação daquele período, ou seja, a convicção na responsabilidade da *Intelligentsia* na condução dos processos de

¹ MAE-USP – Documentação do Instituto de Pré-História (em fase de organização) - Pasta 3 – sub-pasta: Comissão de Pré-História – Instituto de Pré-História. Carta de Paulo Duarte a Auro em 12/06/1960.

estabelecimento da dignidade humana através da educação orientada pela intervenção da pesquisa científica e o desenvolvimento cultural. No entanto, essas idéias ganhariam uma dimensão universal visto que a civilização humana era o novo foco de ação (RIVET, 1954; DUARTE, 1960).

Nesta fase era importante compreender como cada nação contribuiu para o desenvolvimento da humanidade estabelecendo a unidade, o sentimento de pertença e a condução para a melhoria do humano. As peculiaridades nacionais perderam a importância, pois o que interessava naquele novo contexto era a valorização do passado, a identificação da origem da humanidade e sua contribuição em âmbito universal. Não se perseguia mais a noção de progresso - relacionado ao desenvolvimento material – mas, a civilização ligada ao avanço cultural e espiritual (RIVET, 1954; DUARTE, 1960).

Daí a concepção de que não importava o estágio de desenvolvimento da nação e sim a sua contribuição para a Humanidade independente das proposições de progresso. As nações mais jovens como o Brasil necessitavam de ajuda e de modelos de desenvolvimento calcados em nações mais velhas e avançadas e este fato não era motivo de discriminação ou humilhação, pois os estágios diferenciados da humanidade eram pautados pela soma das contribuições para o elemento humano e universal (RIVET, 1954; 1957; DUARTE, 1960; 1985).

A Arqueologia responderia perfeitamente àquelas necessidades tendo em vista que os estudos não se adequavam às fronteiras territoriais. As extensas áreas de ocupação permitiam o conhecimento da civilização e da humanidade sem a necessidade de divisões e possibilitavam a análise da contribuição de cada grupo para a formação do elemento humano. Portanto, a importância das nações não estava centrada na perspectiva sincrônica, mas na avaliação diacrônica da origem comum pautada por experiências que conduziram à melhoria da civilização. Portanto, adveio a idéia de grande pátria comum (DUARTE, 1960).

As agruras comuns sofridas por intelectuais de qualquer nacionalidade, no período da Segunda Guerra, levariam ao extenso universo de relações intelectuais que impulsionariam ações conjugadas em diversos países com ideais comuns, bem como a criação de instituições internacionais como a Unesco, que por meio da promoção de ações educativas e culturais pretendia promover a dissipação dos preconceitos, a união entre os

povos e o desenvolvimento das sociedades por ações de responsabilidade social científica (LAUGIER, 1951; DUARTE, 1960; BALLART, 1997).

Portanto, efetivamente a partir do contato de Duarte com o Musée de l'Homme e Paul Rivet o foco de ação do jornalista foi redimensionado para as pesquisas arqueológicas e a valorização deste segmento patrimonial, perspectiva que fez Duarte afirmar que: “A êle [Paul Rivet] devo o rasgar de um horizonte novo aos meus olhos, o da Etnologia, o da Pré-História, o das origens do homem americano. Isso quer dizer que devo a êle a melhor parte da minha formação intelectual” (DUARTE, 1960: 172).

As novas responsabilidades de inserção social científica denotariam às instituições museológicas um papel fundamental como mecanismo de comunicação e popularização dos conhecimentos científicos arqueológicos. A cadeia operatória museológica ampliaria o acesso de público diversificado com interesses múltiplos no que concerne à informação científica aprofundada, bem como o conhecimento pedagógico, apresentado de forma didática para a instrução e formação popular (RIVET, 1948; ARAUJO; BRUNO, 1995).

Essa valorização da diversidade cultural, reflexo das pesquisas dos diferentes segmentos patrimoniais denotaria à cultura material a fidedignidade documental. A valorização de qualquer elemento patrimonial, ampliando o universo de atuação da instituição museológica responsável, não somente pela salvaguarda destes elementos, mas, igualmente pela comunicação dos conhecimentos obtidos através das análises destes objetos (JAMIM, 1993; DEBAENE, 2002).

Assim, a ampliação da missão científica dos órgãos preservacionistas implicaria na ênfase educacional o que levou à reformulação dos aspectos museográficos com vistas a alcançar os novos objetivos propostos de divulgação científica (JAMIM, 1993; BRUNO, 1999; DEBAENE, 2002).

A importância atribuída por Paul Rivet às pesquisas etnológicas, pré-históricas e lingüísticas, para a compreensão da Origem do Homem, abordou as questões de miscigenação e valorização dos povos da América e outros, ainda colonizados. Da mesma forma, demonstrou a contribuição destes povos para os avanços da humanidade e por isso, o estabelecimento da idéia de pátria comum. Essa concepção foi responsável pelo empreendimento de uma série de ações propugnadas pelo Museu do Homem, que em parceria com os cientistas de diversos países, promoveram pesquisas que visavam à

concepção de um quadro internacional sobre as Origens do Homem estabelecendo conjuntos de dados amplos, que apontavam para comprovação da fraternidade entre os povos (DUARTE, 1950; RIVET, 1957; LAURIÈRE. 2007).

Neste contexto, Duarte promoveria as condições necessárias para o desenvolvimento científico das pesquisas pré-históricas, etnográficas, lingüísticas e antropológicas no Brasil, que serviria de paradigma para a América Latina. Portanto, seria encetado um quadro de pesquisas por toda a América com o propósito de identificar a Origem do Homem Americano e inserir o continente num contexto amplo de compreensão do desenvolvimento da Humanidade (DUARTE, 1960).

Portanto, com o fito de promoção social, científica e cultural foi fundado o Instituto de Altos Estudos Brasileiros. Ligado ao Museu do Homem, o órgão seria a concretização institucional do início de ações destinadas à América Latina. A mudança de contexto político e social levou à estagnação do projeto de amplitudes continentais².

O novo quadro governamental na França, a saída de Paul Rivet do Museu do Homem e a perspectiva da ajuda do governado francês, em face de interesses políticos, a implantação de instituições científicas e culturais no Brasil e na América foram responsáveis pela dedicação de Duarte na promoção de condições de desenvolvimento da pesquisa arqueológica em São Paulo e no Brasil com vistas a estender-se pela América Latina (DUARTE, 1960).

Neste contexto, a volta de Duarte ao Brasil tinha como objetivo promover as pesquisas científicas arqueológicas para a fundação de um centro de estudos arqueológicos. A primeira tentativa frustrada com a Missão Franco-Brasileira cedeu lugar, a partir de 1952, a uma série de ações desenvolvidas pela intelectual com o fito de promover as pesquisas e salvaguardar os sítios arqueológicos da exploração comercial, principalmente os sambaquis. A implantação da Comissão de Pré-História firmou as primeiras ações de fiscalização, cumprimento de legislação e pesquisa científica sambaquieira, nos anos 50 e 60 em São Paulo. Decorrentes desses processos, outros conjuntos de ações e criação de instituições aprimoraram as investigações arqueológicas, pode-se ressaltar a fundação do Instituto de Pré-História e Etnologia, a tentativa de criação do Museum no Brasil, o

² Unicamp - CEDAE-IEL - Arquivo Paulo Duarte – Pré-História – Instituto Francês de Altos Estudos Brasileiros (1945-1953) - Pasta 278 – Carta de Paulo Duarte a Mário Guimarães em 27/12/52.

Instituto de Pré-História na Universidade de São Paulo e a primeira fase de implantação do Museu do Homem Americano³.

Novas ações relacionadas com a popularização científica foram alvos das atividades de Duarte, como: congressos, simpósios, encontros, cursos, artigos jornalísticos, entrevistas em rádios entre outros⁴.

Os embates de dimensões variadas ocorreram ao longo dos 22 anos (1947-1969) em que Paulo Duarte promoveu as ações voltadas para a Arqueologia. Pode-se enumerá-los a partir de diversas instâncias: junto ao poder público na tentativa de mecanismos que possibilitassem recursos para a implantação, desenvolvimento, e divulgação das pesquisas arqueológicas, nas ações de preservação com os concessionários que não queriam abrir mão dos direitos de exploração, na implementação da legislação preservacionista tanto nas disputas com os próprios ministérios governamentais em face das ambigüidades legislativas, bem como na procura de parcerias para a promoção de uma legislação de âmbito nacional. Da mesma forma houve contendas na promoção dos cursos, quando os conceitos científicos chocaram-se com os preceitos religiosos e o último, na Universidade por meio das dissensões com o Conselho Universitário, as divergências políticas com o Reitor e a luta por verbas que culminaram com a aposentadoria compulsória do pré-historiador. Esse constante combate por parte do intelectual foi apresentado por Konder a partir da afirmação de que:

Na produção cultural estão presentes conflitos políticos, lutas sociais, mas também está presente o combate constante do artista e o intelectual para se compreender melhor, para conhecer melhor a condição humana, para mudar os costumes, a moral, a mentalidade, a sensibilidade dos que o cercam. São lutas que se realizam em níveis e ritmos diferentes. Cada artista, cada escritor, além de enfrentar as instituições existentes, a inércia do mundo, briga consigo mesmo, com suas dúvidas, com suas contradições interiores, com suas limitações pessoais. Cada um deles luta para dominar meios de expressão que lhe opõem encarniçada resistência (KONDER, 1987: 11).

³ Unicamp - CEDAE-IEL - Arquivo Paulo Duarte – Pré-História – Correspondência (1960-1965) - Pasta 131 – Relatório histórico de processo relativo ao pedido de vencimentos como diretor e professor do Instituto de Pré-História

⁴ Informações decorrentes da análise de fontes primárias referenciadas separadamente no Capítulo 4.

Dentre as várias transformações ocorridas no período estudado no âmbito da Arqueologia e da Musealização cabe ressaltar as transformações que imputaram responsabilidade social à ciência arqueológica e fizeram dos museus, conforme as palavras de Jean Jamim: vitrine e tribuna da ciência. O autor ressaltou as modificações ocorridas no âmbito das ciências naturais que salientavam o aspecto analítico e de laboratório apresentando métodos, classificações e teorias e cederam lugar a uma ciência pública e visitada de características populares e voltada para a ação social (JAMIM, 1993). Apesar do autor referir-se ao início do século XX e enfatizar as transformações da ciência antropológica, na qual os estudos pré-históricos inseriram-se, não é difícil associar estas características às necessidades e discussões atuais sobre o caráter público da Arqueologia.

A chamada Arqueologia Pública, que segundo Funari (1990; 2003) ganhou ênfase a partir de 1986 no World Archaeological Congress (Congresso Mundial de Arqueologia) e reconheceu a necessidade de inserção social e engajamento científico pode vislumbrar nas concepções humanistas das idéias de Paul Rivet e Paulo Duarte o início de ações voltadas para esta perspectiva da responsabilidade social científica. Logicamente, guardadas as devidas proporções e ressalvados os avanços atuais nestas discussões, pode-se encontrar algumas similaridades entre as necessidades atuais e as ações de Duarte – nos anos 50 e 60 – a partir das tentativas de tornar conhecida a Pré-História atribuindo-lhe a função social de aperfeiçoamento humano a partir do conhecimento inicial sobre o Homem, bem como elemento de identificação e pertencimento de uma origem comum que levaria à fraternidade, união dos povos e diminuição dos preconceitos (DUARTE, 1950; 1964).

Se nos pautarmos pelas discussões encontradas em Merriman (2004), que tentou definir as várias vertentes da Arqueologia Pública pode-se estabelecer alguns paralelos com as ações de Paulo Duarte.

Inicialmente o autor definiu um viés do termo “público” relacionando-o com o estatal, ou seja, a vinculação do termo com os estados e as instituições ligadas a esta instância de poder (MERRIMAN, 2004: 1). Deve-se lembrar que as primeiras tentativas de divulgação científica arqueológica aconteceram no âmbito das instituições museológicas ligadas ao poder estatal. As ações iniciais de Duarte na tentativa de promover a Arqueologia partiram também de uma perspectiva pública relacionada ao Estado. Duarte delegou importância ao conhecimento arqueológico e acreditava que era dever do estado

promovê-lo. Dessa forma, as primeiras tentativas de pesquisa e preservação estiveram relacionadas à promoção estatal, tanto no caso da Missão Franco-Brasileira como na criação da Comissão de Pré-História⁵.

O segundo ponto abordado pelo autor foi a complexidade dessa dimensão pública estatal. A incapacidade do Estado em atingir um público tão diversificado implicaria, segundo o autor, na falta de representação dos interesses minoritários (MERRIMAN, 2004: 2). No caso de Duarte, iniciando os estudos científicos em São Paulo, não tinha possibilidade nenhuma de atender ou receber reivindicações de interesses minoritários devido ao completo desconhecimento da Pré-História e da sua inserção social. Desde o Departamento de Cultura, os intelectuais assumiram a função de impingir ao público o que acreditam ser as necessidades culturais da população. Em contexto histórico diverso e em face da realidade da população brasileira, Duarte acreditava que ela se beneficiaria destes estudos científicos (DUARTE, 1960; PECAULT, 1994).

Na continuidade da análise calcada nos tópicos discutidos por Merriman (2004: 2), o autor apontou a segunda noção de “público” englobando o debate, a opinião e conseqüentemente o conflito, pois a opinião pública não é homogênea e nesta perspectiva o público pode influenciar, criticar e subverter a vontade do Estado ocasionando as mudanças. Este aspecto em Duarte mostrou-se interessante a partir de duas características: a primeira inicia-se pela análise dos conflitos entre o que ele acreditava ser importante, ou seja, a necessidade de salvaguardar os sítios arqueológicos, bem como a difusão dos conhecimentos teóricos.

Os setores sociais divergentes desta posição reagiram de múltiplas formas. No primeiro caso, os interesses econômicos dos concessionários, que não levavam em conta a importância cultural do patrimônio arqueológico, entraram em conflito com ações de defesa da dimensão cultural do patrimônio, fato que ocasionou a repressão policial⁶. No entanto, Duarte apontou vários casos em que o conhecimento da importância cultural por parte dos

⁵ MAE-USP – Documentação do Instituto de Pré-História (em fase de organização) - Pasta 3 – sub-pasta: Comissão de Pré-História – A preservação dos monumentos arqueológicos e pré-historicos. O Estado de São Paulo, São Paulo, 02/03/1958.

⁶ MAE-USP – Documentação do Instituto de Pré-História (em fase de organização) - Pasta 1 – sub-pasta: Governo do Estado – Comissão de Pré-História. Relatório de atividades da Comissão de Pré-História encaminhado ao Governador do Estado de São Paulo em 1954, referente às atividades de 1953.

concessionários fez com que muitos ajudassem na preservação patrimonial⁷. Portanto, houve uma ação efetiva de transformação social e inserção na comunidade que agiu em benefício do patrimônio arqueológico.

Por um lado, Duarte abordou que em alguns dos cursos promovidos pela imprensa, o intelectual sofreu forte divergência por parte da população devido às crenças religiosas, neste contexto não houve integração com a população⁸. De outra forma, os abaixo-assinados dos estudantes para a aprovação da lei iam de encontro às necessidades de Duarte e conflitavam com os interesses estatais e dos concessionários⁹. A opinião pública também chamou a atenção dos governantes, na opinião de Duarte, para a necessidade cultural, tendo em vista a resposta positiva dos cursos que não eram prioridade governamental. Portanto, nestes casos houve a aproximação entre as pretensões de Duarte e o apoio desta comunidade¹⁰. Efetivamente, neste contexto, Duarte estabeleceu um maior contato com um público diversificado, gerando as dissensões porque não atuou somente na dimensão pública do Estado. Aliás, o intelectual agia sob a perspectiva de popularizar o conhecimento científico com o fito de chamar a atenção para os problemas Pré-Históricos e assim pautava suas ações. Robrahn-Gonzales chamou a atenção para o fato de que um fator de benefício público da Arqueologia “[...] está justamente em contribuir para o fortalecimento dos vínculos existentes entre a comunidade e o seu passado, ampliando o interesse da sociedade sobre o seu patrimônio e criando, assim, a sustentação necessária às medidas de preservação” (ROBRAHN-GONZALES, 2006: 66). Duarte efetivamente agiu sob esta perspectiva como verificado nos exemplos até aqui delineados.

Merriman (2004: 3) também abordou outra dimensão da utilização do termo “público”, quando se pensa nesse somente a partir das necessidades de gestão de recursos e preservação para o futuro sem levar em conta o público do presente. Duarte até apontou

⁷ Idem.

⁸ Unicamp – CEDAE-IEL - Arquivo Paulo Duarte – Pré-História: contribuições para a Campanha do Instituto de Pré-História 1959-1960 – Pasta 286 – sub-pasta 14 (1976-1984): Entrevista concedida por Paulo Duarte a Tjerk G. Franken e Ricargo Guedes em 12/04/1977, pp.12.

⁹ Unicamp - CEDAE-IEL - Arquivo Paulo Duarte – Pré-História: Cursos/artigos (1960) - Pasta 285 – Texto do telegrama enviado pelos alunos do Curso de Pré-História Geral em 1960.

¹⁰ Unicamp - CEDAE-IEL - Arquivo Paulo Duarte – Pré-História: artigos/cursos (1959-1960) - Pasta 284 – Matéria: Curso de Introdução Geral a Pré-História Geral a ser promovido por ‘A Tribuna’. A Tribuna. Santos, 10/07/1960.

para esta perspectiva futura, mas enfatizando outro contexto, onde a preservação do bem arqueológico beneficiar-se-ia de um futuro desenvolvimento científico. Os benefícios científicos, no entanto, estavam relacionados com o presente a partir da idéia de valorização e importância do país e do seu patrimônio cultural. Também estava contemplado o desenvolvimento do sentimento identitário à medida que um povo fazia parte da origem comum da humanidade. A inclusão da América Latina neste quadro valorizava este contexto regional (DUARTE, 1968).

De outra forma, a Arqueologia Pública foi vislumbrada como parte de ações educativas em parques, museus e escolas (MERRIMAN, 2004: 4). Se partirmos deste ponto, Duarte realmente lutou para transformar a arqueologia em pública. O cientista implementou diversas ações com esse objetivo, tornar conhecida a Pré-História. Duarte realizava ações educativas nos museus, nos cursos universitários e nos cursos abertos à população. Além das visitas museológicas, outros mecanismos de divulgação científica centraram-se nas visitas aos sítios arqueológicos com aulas no local, não só para os alunos, mas igualmente para um público diversificado¹¹.

O autor também chamou a atenção para o conceito de público compreendido como atuante questões de identidade e conflito, bem como com as relações de turismo e economia (MERRIMAN, 2004: 4) Duarte não chegou a abordar este aspecto.

Por último o autor abordou a dualidade do público vislumbrado como a contraposição entre o capital econômico e o cultural (MERRIMAN, 2004: 5). No caso protagonizado por Duarte essa dimensão foi a de maior enfoque, pois o intelectual tinha que lutar contra uma mentalidade envolvida em um contexto desenvolvimentista, de valorização do progresso e crescimento, bem como necessitava implantar uma nova visão de importância cultural e científica. Vimos que mesmo por parte dos concessionários em alguns momentos houve contemplação desta visão, no entanto, na maioria das vezes a utilização da violência, dos subterfúgios da legislação eram marcas da luta entre os conflitos de interesses despertados por esta especificidade de segmento patrimonial (DUARTE, 1964).

¹¹ a) MAE -USP – Documentação do Instituto de Pré-História (em fase de organização) - Pasta 3 – sub-pasta: Comissão de Pré-História – Ofícios, atas e atestados. Carta de Paulo Duarte ao Sr. Mário Lopes Leão (Presidente da Companhia Siderúrgica Paulista) em 22/05/1968

Desta forma, a intenção de indicar algumas características e ações de Duarte voltando-se para a dimensão Pública da Arqueologia implicou em iniciar uma reflexão: até que ponto as mentalidades da Arqueologia atual herdaram as influências inovadoras dos estudos arqueológicos propostos por Duarte?

No que tange à Musealização da Arqueologia a atuação do intelectual também não perdeu em inovação. A cadeia operatória museológica e a musealização dos segmentos patrimoniais apresentaram uma série de empreendimentos inovadores com a finalidade de traduzir as informações científicas em elementos pedagógicos que melhor comunicassem as questões científicas à população¹².

Bruno chamou a atenção para o importante papel da Musealização da Arqueologia para alertar sobre a importância dos vestígios materiais. Os procedimentos da cadeia operatória que atendem às necessidades da Comunicação devem formar um conjunto eficaz para a extroversão dos resultados das pesquisas para o grande público (BRUNO, 1984: 302). Cury (2005) colocou a comunicação como função social do museu. Paul Rivet e Paulo Duarte consideraram esse aspecto chamando a atenção para a necessidade de se observar todos os procedimentos para atender um público variado que abarcava desde o pesquisador até escolares e trabalhadores que compõem o grupo de visitantes do museu (RIVET, 1948; 1954).

As ações de Duarte em vários aspectos contemplaram a divulgação científica por meio da instituição museológica abrangendo desde os recursos expográficos compostos de painéis, cenários, observação detalhada dos suportes museológicos, enfim, enfatizando o caráter público da ciência arqueológica através da Comunicação Museológica.

Desta forma, as ações de Duarte vislumbraram o caráter público da Arqueologia em parceria com as instituições preservacionistas, pois os museus seriam os mecanismos adequados para o diálogo com as diversas camadas da população.

¹² Em carta Paulo Duarte agradeceu a execução do trabalho, bem como o fornecimento do material sem despesas para o Instituto de Pré-História deixando vislumbrar as dificuldades orçamentárias pelas quais passava a Instituição. MAE-USP – Documentação do Instituto de Pré-História (em fase de organização) - Pasta 4 – sub-pasta: IPH - Ofícios. Carta de Paulo Duarte ao sr. Adalberto Mendes Santos (Fundo para a Construção da Cidade Universitária) em 08/08/1967.

Assim, também cabe perguntar: essa herança museológica com ênfase nas ações educacionais também se faz presente na Musealização da Arqueologia atual da Instituição originária do Instituto de Pré-História?

Ao refletir sobre a trajetória institucional e a figura de Duarte verifica-se que a tônica das suas ações estava estruturada pela preservação, pesquisa e educação. Estes foram os pilares em que ele pautou sua trajetória. Atualmente, a pesquisa arqueológica ainda se fundamenta em conquistas deste intelectual como, por exemplo, a Legislação Federal nº 3924/61. Portanto, é interessante notar que a partir dos anos 90 as ações e o histórico deste cientista reapareceram, no entanto, ainda de forma tímida. A sua importância para a Arqueologia ainda não se fez clara no período atual.

Em 1962, Duarte agradecia a Cruxent a indicação do seu nome para a comissão permanente da união internacional das ciências pré-históricas patrocinadas pela Unesco¹³. Desta forma, entre os cientistas da América Latina, o pesquisador contava com alto grau de consideração científica, idéia confirmada pela presença de tantos cientistas internacionais nos Simpósios, Congressos ou Encontros que promovia. A relevância e o reconhecimento de Duarte ainda não foram vislumbrados na atualidade. Nas menções arqueológicas ele é apenas citado como empreendedor da legislação de preservação. É difícil encontrar uma abordagem sobre o importante papel que desempenhou para a divulgação da Arqueologia no que diz respeito à promoção das pesquisas, as ações de salvaguarda e a implantação de instituições que permitiram o desenvolvimento científico.

Será que o desaparecimento da memória sobre este intelectual deve-se a incompreensão nacional das mentalidades que ele tentou imprimir ao projeto científico arqueológico e museológico que tentou desenvolver e perdura até os dias atuais?

Essa mentalidade arqueológica era a continuidade do projeto cultural e museológico do Departamento de Cultura sobre o qual Bento Ferraz afirmou que a:

[...] organização foi combatida por aqueles que não entendiam a importância social de um Departamento de Cultura que era uma célula inicial de um movimento cultural que ia alastrar pelo Estado todo e depois pelo Brasil, muitos não compreenderam aquilo[...]¹⁴.

¹³ MAE-USP – Documentação do Instituto de Pré-História (em fase de organização) - Pasta 3 – sub-pasta: Comissão de Pré-História – Instituto de Pré-História. Carta de Paulo Duarte a Cruxent em 25/09/1962.

¹⁴ MIS – CEDOC – Entrevista de José Bento Ferraz (Secretário de Mário de Andrade) a Ana Maria Guarilha e Maria Tereza Pimenta em março de 1975. (Fita 3 - 50.2-B - Lado 1).

A incompreensão também se apresentou para o personagem D. Quixote com quem freqüentemente, Paulo Duarte foi comparado. Sánchez Vásques ao explicar a utopia em Cervantes afirmou que:

[A utopia] não é somente assunto de idéias e ideais, sim de ação, de atividade prática. A utopia é aqui não só a visão de um mundo real, sim de um mundo que deve existir e este “deve” como imperativo moral, é o que empurra D. Quixote a atuar (VASQUES, 2006: 121).

Vasques também atribuiu vários fatores aos fracassos de D. Quixote e três deles podemos empregar no caso de Duarte para explicar as próprias desilusões deste Intelectual: em primeiro lugar a inadequação entre as ambições, os fins que pretendia realizar com os meios raquíticos de que dispunha, segundo as condições sociais, as instituições e as ideologias que tornavam impossível o seu humanismo e terceiro, o esforço quixotesco, de caráter solitário e individual, sem a solidariedade e atividade coletiva necessárias estava condenado à impotência. A realização do bem na terra, não é um empreendimento individual, sim coletivo, social (VASQUES, 2006: 123).

Desta forma, o contexto histórico em que viveu Paulo Duarte ainda não estava preparado para as ações que ele queria encetar. A incompreensão do seu vasto projeto arqueológico e museológico, apagado inúmeras vezes pela simples referência à legislação de 1961, que apesar de importante, não delineia o conjunto das suas realizações, não dão conta da finalidade científica que Duarte tinha em foco: a apresentação e a promoção da ciência pré-histórica para evidenciar e desenvolver o seu objeto de estudo: o Homem (DUARTE, 1964; PROUS, 1992).

Assim, cabe a geração atual, com base na efetivação dos pressupostos da Arqueologia Pública e da Musealização da Arqueologia retomar o empreendimento coletivo do bem comum e vislumbrar na trajetória de Paulo Duarte uma possibilidade para a contemporaneidade.

This document was created with Win2PDF available at <http://www.win2pdf.com>.
The unregistered version of Win2PDF is for evaluation or non-commercial use only.
This page will not be added after purchasing Win2PDF.